



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O ALUNO COMO AGENTE NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO⁸⁰

Aletícia Alves Meira
(UESB)

Maria Aparecida Silveira
(UESB)*

RESUMO

O artigo tem por intuito analisar o papel do aluno no processo de ensino-aprendizagem e nesse contexto, a relevância do discente na construção do conhecimento geográfico. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, tendo sido realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão e visando compreender essa realidade com mais profundidade foram aplicados questionários semiestruturados para os discentes do 1º ano turma G turno Matutino do Instituto de Educação Euclides Dantas – Vitória da Conquista/BA, bem como para os alunos do 2º ano turma C turno Vespertino do Colégio Estadual Polivalente localizado na mesma cidade. Como aporte teórico foram analisadas as contribuições teórico-conceituais dos seguintes autores: Cavalcanti (2002), Silva (2011), Kaercher (1999), Prieto (2013). Evidenciou-se que por vezes, a postura que os discentes adotam para com o cotidiano escolar evidencia a necessidade de uma mudança para além das paredes da sala de aula, ou seja, é preciso mudar o modo como se pensa e se faz a proposta educacional, e a forma como essa está sendo implantada.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de ensino-aprendizagem. Aluno. Escola. Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O termo aluno, semanticamente, “sem luz”, por si só sintetiza a falta de propósito real da educação formal. A “iluminação” só é possível através do autoconhecimento, e a educação deve apontar para o caminho da liberdade. Um

⁸⁰Artigo elaborado com base na experiência do estágio supervisionado da disciplina de Prática do Ensino do curso de Licenciatura Plena em Geografia, sob a orientação da Prof. Msc. Sandra Mara Oliveira.

* Graduandas em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mails: aleticiaalves@gmail.com; cidauesb.2009@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sistema autoritário impede que esse indivíduo seja o sujeito de fato de sua história e se emancipe de forma autônoma. Pois “inteligência se aprende”. E aprender significa obviamente “não prender”.

Aprender de forma significativa implica atribuir significados, e estes têm sempre componentes pessoais. Aprendizagem sem atribuição de significados, sem relação com o conhecimento pré-existente, ou seja, com a vida, é mecânica e não significativa. As passagens pelos estágios da vida são marcadas por constante aprendizagem. “Vivendo e aprendendo”, diz a sabedoria popular. Assim, os indivíduos tendem a melhorar suas realizações nas tarefas que a vida lhes impõe. A aprendizagem permite ao sujeito compreender melhor as coisas que estão à sua volta, seus companheiros, a natureza e a si mesmo, capacitando-o a ajustar-se ao seu ambiente físico e social. Porém a vida social na modernidade, infelizmente na maioria das vezes pode ser resumida a não querer estudar a maioria dos conteúdos “necessários”, trabalhar no que não se gosta, agradecer a um patrão pela “oportunidade” e comprar coisas que não se precisa (PRIETO, 2013).

Nesse contexto, a não compreensão da importância da aprendizagem acontece, muitas vezes, por falta de consciência e de quem possa conscientizar os sujeitos sobre a sua relevância no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma a não inserção o leva ao descompromisso com esse processo. O aluno enquanto peça-chave deve saber de sua relevância e entender o quanto o conhecimento é importante para a sua formação enquanto sujeito pensante, somente dessa forma o processo de ensino será eficaz, e não apenas uma série de aulas dadas numa sequência sem uma real finalidade.

O discente enquanto sujeito articulado no seu processo de ensino aprendizagem

As teorias mais atuais sobre o processo ensino aprendizagem destacam o fato de que os indivíduos são agentes ativos, e buscam construir seus conhecimentos dentro de um contexto significativo, que faça sentido e que seja



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

prazeroso. Os desafios nestes tempos se tornam muito maiores, pois ao mesmo tempo em que o capitalismo flexibiliza as relações de trabalho, oprime com os modelos falidos de escola que são contraditoriamente feitos para atender as necessidades de um mercado que precisa de pessoas aptas a se adaptarem às suas novas demandas.

A aquisição de conhecimento no convívio social, apesar de constante, é incompleta em formar o indivíduo para vivência em sociedade e consigo. Ela pode ser complementada pelo processo de ensino aprendizagem desenvolvido no convívio escolar. E essa deveria ser a principal razão para a existência da escola. Sendo assim, o professor é o agente de fomento da busca pelo conhecimento a ser desenvolvido no aluno, e assim feito, só depende do próprio aluno para que a aprendizagem seja realizado com sucesso (FREIRE, 1996).

Dessa forma, no processo de ensino aprendizagem é essencial o posicionamento de alunos e professores enquanto agentes ativos, indivíduos que precisam “querer” para saber fazer. Nesse intuito, para se tornarem sujeitos participantes do processo de construção do conhecimento, é necessário ter além de motivação, o despertar da consciência e a importância da participação como única e imprescindível, no sentido de construir o espaço escolar eficaz para o conhecimento. Nesse contexto, alunos e professores devem abandonar o conformismo e os paradigmas tradicionais, que por vezes fragmentam o papel de cada um na escola e trabalharem juntos para a formação de outro ambiente escolar, que vise não apenas aulas e conteúdos e sim, os conhecimentos necessários para a vida em sociedade e a aprendizagem crítica da realidade visando a construção de seres pensantes e não repetitivos de uma lógica já formada.

Na esteira desse processo, o aluno se torna o agente principal, porque ele é o objetivo do ensino, o processo de aprendizagem é voltado para ele, sem o aluno não há professores, nem motivo para existir um sistema educacional, entretanto, o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aluno precisa se sentir motivado em ir à escola e assim, se desenvolver e buscar o (auto) conhecimento que o ambiente escolar poderia ofertar.

Para que isso possa ser possível, segundo Kaercher (1999, p.29) é necessário instigar o aluno:

[...] a ver o mundo com mais criticidade e ação. Não lhe trazer apenas respostas ou a paz, pelo contrário, multiplicar perguntas. Trazer-lhe a espada para o duro e o bom combate não só da sala de aula, mas da vida. Afinal, não sou daqueles que crêem que a função do professor seja a de mero repassador de conteúdos e que sua função se esgote com a campanha da escola que dá o sinal do final do turno.

Dessa forma, o papel do aluno vai além de simples receptor de conhecimento, ele mesmo como peça-chave do processo deve estar inserido de maneira mais interativa, e deve ser estimulado a isso, por professores e gestores, enquanto agente do seu próprio processo de construção do conhecimento.

O despertar do aluno enquanto sujeito ativo, sugere a capacidade desses em se comprometer com o que lhe está proposto na escola, pois uma vez com a consciência da importância do ambiente escolar, essa atitude se torna fundamental para a formação de uma escola mais interativa e dinâmica.

A escola enquanto cenário no qual o processo de aprendizagem se dá, deve se reformular para possibilitar que essa interação entre professor e aluno aconteça. Pois, o espaço escolar tradicional emoldurado por velhos princípios, não permite que o aluno desenvolva a atração por esse espaço e, sem o interesse não há integração. A escola deve trazer o aluno para discutir como essa deve ser, o que deve ofertar e quais projetos deve desenvolver no sentido de estimular o aluno a ir à escola socializar o conhecimento que já possui e adquirir outros.

De acordo com o que expõe Prieto, (2013, p.1):

Mas não basta apenas o professor desejar que o aluno aprenda. O aluno precisa desejar aprender, sentir prazer em apropriar-se de sua autoria produtiva. É uma via de mão dupla. Aprendiz e ensinante tem a responsabilidade compartilhada no ato de aprender.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A participação do aluno na construção do espaço escolar é um instrumento motivador para que esse se veja enquanto peça fundamental nesse ambiente, uma escola que corresponda as suas expectativas, com instrumentos eficazes para que haja realmente uma aprendizagem e que o aluno queira ter essa aprendizagem, e assim a torne concreta.

Conforme Demo (2007, apud DAHER, 2013) “Se quisermos melhorar a aprendizagem dos alunos, há que promover a aprendizagem do professor”. É sabido que o processo de aprendizagem deve acontecer concomitantemente, nesse mesmo contexto, é importante que seja desenvolvido no aluno mecanismos que dê condições para que eles consigam desenvolver uma autonomia para aprender. Um professor que tenha o hábito de ler, estudar, pesquisar, elaborar e principalmente aliar teoria a prática, consegue propiciar isso aos alunos e desenvolver neles essa mesma capacidade.

Importante também se atentar que nos dias atuais em que as informações estão mais acessíveis e em diferentes meios, não cabe mais ao professor a função de repassá-las, até porque isso não deveria ter ocorrido em momento algum. Mas sim, deve-se mediar a organização das informações e conteúdos para que façam sentido para os alunos (DAHER, 2013).

Os tipos de avaliações, portanto, devem ser repensados, senão extintos. Nossa escola persegue o erro e discrimina-o, atribuindo-lhe uma dimensão catastrófica; isso não significa que deva incentivá-lo, mas sim, incorporá-lo como uma possibilidade de se chegar a novos conhecimentos. Como nos mostra Silva, é necessário além da correção, “apoiar o jovem na construção de uma visão crítica da realidade e apontar a direção do comportamento tolerante, do respeito à diferença, da argumentação sobre a violência, da compaixão pelo mais fraco, do interesse pelo conhecimento e pela cultura” (p. 77).

Nesse artigo, a observação dessa questão em sala de aula, foi feita com base na experiência do estágio supervisionado, sendo esse último desenvolvido em duas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

diferentes escolas da rede pública, no 1º ano do Ensino Médio, o que possibilitou a reafirmação do que já foi exposto anteriormente, ao comprovar o quanto o esforço em “querer aprender” dos alunos e o empenho dos professores em cumprir seu papel no processo de ensino aprendizagem, é importante para a realização de um processo educativo que possa ser eficaz para alunos e professores.

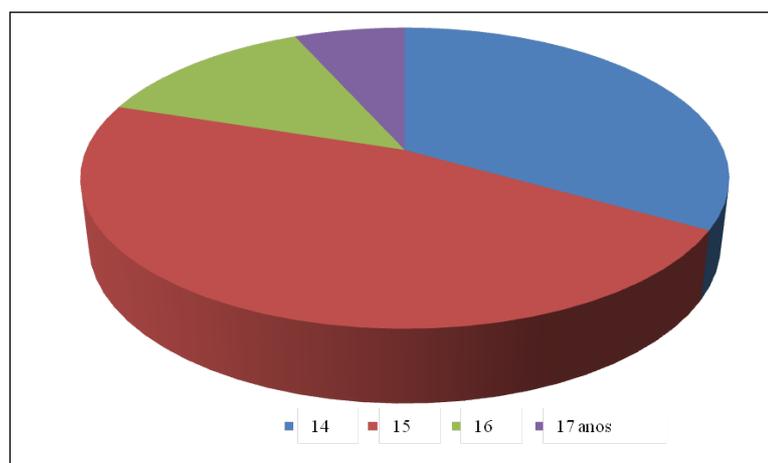
Com o intuito de aprofundar a análise dessa questão que envolve o aluno e o seu papel na dinâmica educacional, optamos por questionar os discentes das escolas abarcadas pelo estudo, com o objetivo de conhecer o seu perfil, suas ideias e opiniões sobre o espaço escolar e o processo de ensino aprendizagem, nos detendo brevemente sobre sua visão em relação ao ensino de geografia. Nesse contexto, adotou-se a turma do 1º ano G Matutino, do Instituto de Educação Euclides Dantas - Vitória da Conquista /BA - no período letivo do terceiro trimestre de 2012, como sujeitos da pesquisa para este estudo de caso, nesse mesmo período foram analisados também o perfil da turma 2º ano C do Colégio Estadual Polivalente localizado na mesma cidade. Com a finalidade de compreender as ideias, opiniões e perspectivas de cada turma foram aplicados questionários socioeconômicos junto a essas, com base nesta coleta de dados foram analisados aspectos e dinâmicas que envolve a educação, a realidade do aluno que vive esse processo, e a opinião dos discentes sobre o ambiente escolar e o processo ensino aprendizagem.

Objetivando traçar o perfil de cada turma, optamos por analisa-las separadamente, confrontado dados quando relevante.

No que se refere a primeira turma o 1º ano G, analisamos que a classe possui 33 discentes que frequentam as aulas regularmente, sendo 53% meninos e 47% meninas. Os questionários foram aplicados com 90% da turma, e, de acordo com os resultados obtidos por esses podemos tecer análises esclarecedoras sobre essas questões.

A turma está dentro da faixa etária indicada para o 1º ano do ensino médio, sendo a maioria dos alunos composta por adolescentes entre 14 e 15 anos conforme mostra o Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Idade dos Alunos



Fonte: pesquisa de Campo 2012

O 1º ano G é em geral composto por adolescentes de classe média baixa, que possuem uma relativa estabilidade familiar, a maioria dos discentes da turma tem os estudos como única ocupação, sendo que somente 30% dos alunos trabalham, desses, a maioria possui seu emprego no comércio do bairro onde moram ou no centro da cidade, com carga horária de meio período, esses quando perguntados se além de trabalharem também contribuía para a renda familiar, 20% afirmaram contribuir, enquanto 80% afirmaram que não contribuem, ou seja, trabalham para custear suas despesas.

A grande maioria dos alunos residem em bairros periféricos distantes da escola, esses saíram dos seus bairros buscando locais de ensino com uma qualidade educacional melhor do que a encontrada em escolas próximas de suas casas e o interessante desse processo é que há na classe tanto ex-alunos de escolas públicas quanto ex-alunos de escolas particulares e, enquanto os primeiros acham



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a qualidade de ensino da instituição relativamente boa, os segundos dizem não gostar, apontando a desorganização como principal problema.

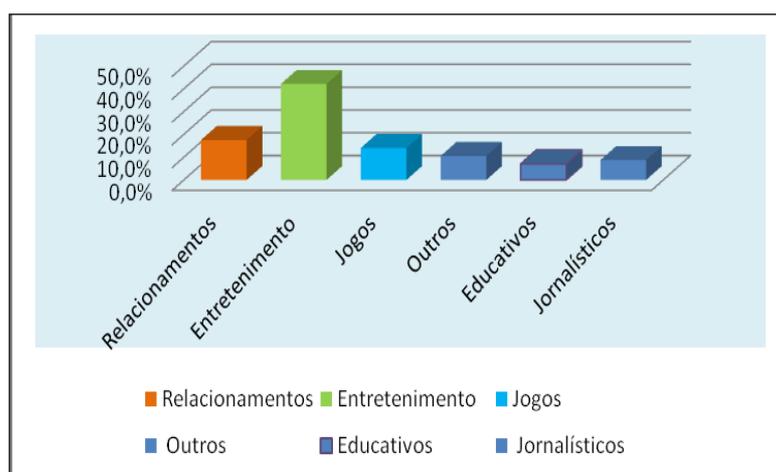
No que diz respeito aos hábitos de leitura e acesso aos meios de comunicação enquanto ferramenta extra-escolar no processo de ensino aprendizagem, os discentes afirmaram que pouco recorrem a leitura de jornais, alguns informaram que fazem a leitura de revistas, mas poucas são vinculadas a temas de importância no processo de construção do conhecimento. Segundo eles, as mais frequentes ferramentas de informação utilizadas são a TV e a internet. Isso expressa a falta do hábito do estudo enquanto prática para o conhecimento, e para além disso a não-incorporação de estímulos a leitura de qualidade como método para uma melhor obtenção desse conhecimento. Nesse ponto é válido esclarecer, que não pretendemos cobrar a leitura pela leitura, quando nos referimos a qualidade no que se lê, estamos nos referindo ao uso de materiais construtivos, e não qualquer tipo de material. Pois, quando perguntados com que frequência eles leem 23,3% afirmaram sempre, 73,3% responderam às vezes, o que mostra que de certa forma há a leitura, o que não se pode afirmar com concretude é se há uma qualidade no que está sendo lido.

Isso também se repete no uso da internet (Gráfico 2), a maioria possui computador com acesso a rede em casa, entretanto a utilização dessa é pouco voltada para o processo de construção do conhecimento. Conforme pode ser observado no gráfico, grande parte dos acessos são os sites de entretenimento e relacionamentos, sendo que os sites educativos e os com conteúdo informativo são pouco acessados, de acordo com a fala de um aluno “só quando o professor passa trabalho”.

Essa desmotivação do aluno no querer aprender, por vezes expressa uma apatia, e até mesmo um conformismo para com o seu processo de educação, como se na maioria das vezes para o aluno a escola fosse o templo de uma obrigação,

muitos afirmam gostar no ambiente escolar pela socialização com os colegas, mas não pelo dever de estudar, ou pelo modo como a educação está posta nas escolas.

Gráfico 2: Tipos de Sites mais acessados



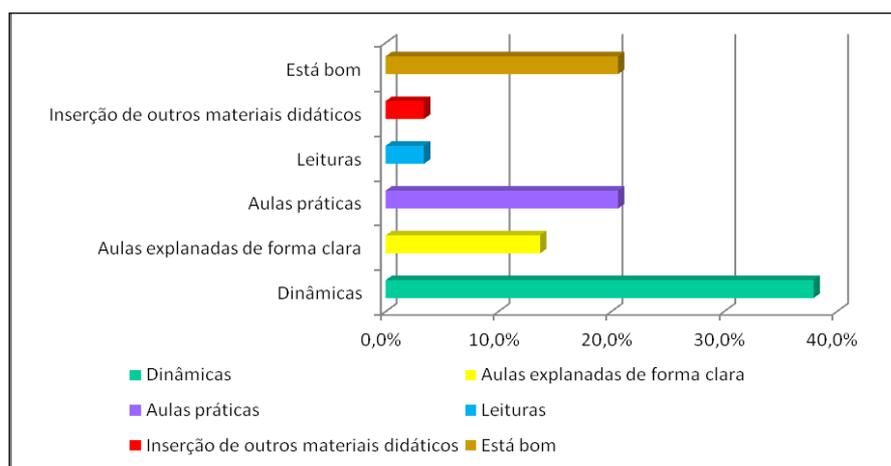
Fonte: pesquisa de campo 2012.

No que diz respeito a estrutura da escolar: 52,8% disseram que acham regular e 47,2%, afirmaram ser boa, entretanto falta infraestrutura e principalmente segundo eles, os alunos não tem acesso aos laboratórios e nem podem pegar livros emprestados na biblioteca, o que reafirma a questão que estamos ressaltando desde o início desse estudo, sobre a competência da escola da atualidade em fazer com que o aluno se sinta parte desse processo, no caso do hábito pela leitura de qualidade, como a escola pode cobrar isso dos seus alunos quando nem mesmo ela própria empresta livros da sua biblioteca para os alunos? Ou mesmo, como ela pode incentivar esse hábito no aluno, quando as suas políticas fazem justamente o contrário?

No tocante as aulas e se o método de ensino utilizado tem facilitado a aprendizagem, 83,3% acham que sim e 16,6% afirmaram que o método adotado pouco contribui, eis um ponto positivo apontado pelos alunos. Ao serem questionados também sobre o quê (em sua concepção) deveria ser feito para melhorar a aprendizagem eles sugeriram (Gráfico 3) mais dinâmicas de interação

do conteúdo com os alunos, como forma de facilitar a aprendizagem, sugeriram também mais metodologias de explanação clara e, aulas práticas para uma assimilação mais eficaz.

Gráfico 3: Propostas de melhorias sugeridas pelos alunos:



Fonte: pesquisa de campo 2012.

O desejo dos alunos é reflexo do anseio desses por estímulos que despertem nele a vontade de estudar e aprender, essas dinâmicas e a correlação entre prática e teoria (escassas em sala de aula) cobrada por ele é só um sintoma, de algo ainda maior que põe em cheque o que é afirmado por muitos professores, que anestesiados pelo comodismo acabam por vezes em atribuir a culpa do fracasso do sistema educacional brasileiro no descompromisso do aluno, mas até que ponto a escola investe para que ele possa ser compromissado?

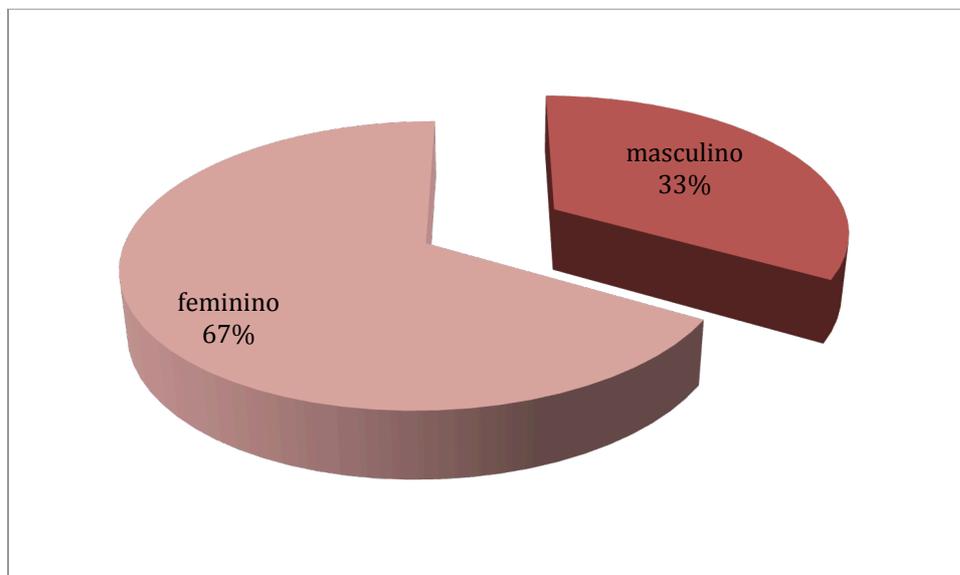
No que diz respeito ao ensino de Geografia, a maioria dos alunos entende que a sua importância está em saber sobre os lugares e saber se localizar no espaço, pouco foi falado na análise do cotidiano, ou da relação sociedade-natureza, entretanto, pode-se constatar que em geral eles se empenham em aprender o que lhes é passado em sala de aula, fato esse comprovado durante a regência do estágio supervisionado. Quando questionados acerca de como observavam o ensino de geografia no seu cotidiano, vários alunos afirmaram que o principal meio de

observação é o trajeto da escola para casa, o que é uma boa indicação de análise do cotidiano, ainda que ela seja feita de modo involuntário.

Uma boa surpresa no que diz respeito ao ensino de geografia, está na cobrança dos alunos pelo uso por mais mapas e laboratórios que façam compreender melhor a disciplina que para eles ainda é um pouco complicada, ainda segundo o seu relato, a análise dos mapas e o estudo de temas da geografia física como clima, hidrografia e relevo é tido como os conteúdos mais interessantes.

No referente perfil da turma do 2º ano C vespertino do Colégio Polivalente, período letivo de 2013, pode se constatar de acordo com questionários que estes alunos têm idade que variam entre 16 e 18 anos, e que a maioria da turma é do sexo feminino como mostra o gráfico 1.

Gráfico 01 - A questão do gênero no 2º ano C - Vespertino



Fonte: Pesquisa de campo - Novembro de 2012.

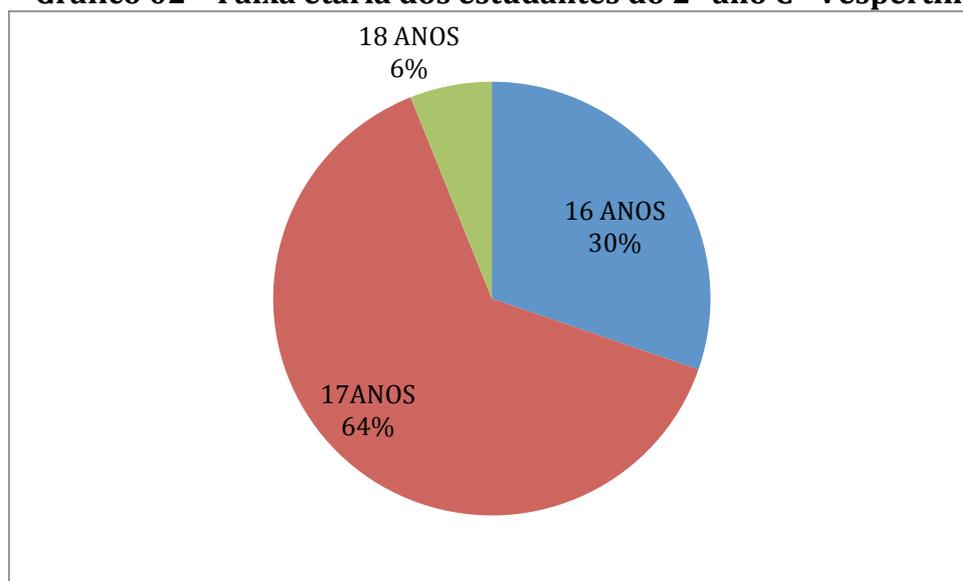
Constata-se através do gráfico 01 que as mulheres ainda são a maioria nas salas de aulas.

Ficou evidente a boa relação que os alunos têm com os professores, colegas e funcionários. Vale ressaltar que o espaço escolar se constitui em um ambiente de convivência onde se desenvolve as diversas relações pessoais que permeiam o sucesso ou o fracasso escolar. A escola deve, portanto ser um espaço de troca, de relações interpessoais, de produção do conhecimento, com o objetivo de formar futuros cidadãos críticos, reflexivos e participativos.

Com relação aos estudos, a maioria dos educandos informou que pretendem cursar uma universidade. Porém, observa-se que uma parte destes alunos não demonstra interesse e compromisso com os estudos, pois vão a escola para se divertirem, e encontrar com os colegas. Mas, apesar disso é possível se encontrar alunos comprometidos e esforçados que gostam realmente de estudar e almejam um futuro melhor.

Em relação à faixa etária da turma, trata-se de uma turma jovem, variando em idade, entre 16 e 18 anos, com uma maior predominância na faixa etária dos 17 anos (64%), conforme apresenta o gráfico 02 abaixo.

Gráfico 02 - Faixa etária dos estudantes do 2º ano C - Vespertino



Fonte: Pesquisa de campo - Novembro de 2012.

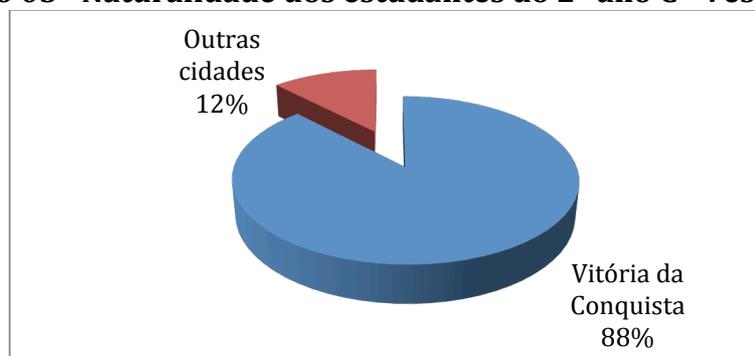
No que se refere à naturalidade dos membros da classe, a grande maioria (29 alunos) são naturais de Vitória da conquista. O restante dos alunos são procedentes de São Paulo, ou de cidades próximas, como pode ser observado na tabela 01.

Tabela 01- Naturalidade dos alunos

Município	UF	Nº de Alunos	Porcentagem
Vitória da Conquista	BA	29	87,9
Itabuna	BA	01	3,0
Condeúba	BA	01	3,0
São Paulo	SP	02	6,1
Total		33	100

Fonte: Pesquisa de campo - Novembro de 2012.

Gráfico 03 –Naturalidade dos estudantes do 2º ano C - Vespertino.



Fonte: Pesquisa de campo - Novembro de 2012.

A respeito do estado civil, todos se declararam solteiros (100%) da turma. Quando questionados se tinham filhos, todos também declararam uma resposta negativa. Isto se verifica devido à faixa etária da turma. Apesar de que atualmente há muitas adolescentes engravidando, não foi verificado tal fato na turma do 2ºC.

Em relação aos melhores momentos do processo de escolarização, uns disseram que foi no jardim de infância, quando aprenderam a ler as primeiras palavras, outros se referiram aos coleguinhas e as brincadeiras, sendo unânimes em afirmar que seus melhores momentos ou foi no jardim de infância ou foi no



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

primário, quando conheceram o 1º professor, que brincavam muito e não tinham responsabilidades. Quanto aos piores momentos, também foram unânimes em afirmar, que é quando eles ficam em recuperação, ou repetiram o ano.

Os dados coletados através do questionário socioeconômico e da narrativa autobiográfica deixa claro que caberá, em parte, aos professores, a responsabilidade de estimular a curiosidade dos alunos, criar oportunidades de aprendizagem interativa, possibilitando descobertas e novas experiências, tornando as aulas de geografia mais atraentes, interessantes e diversificadas, despertando no educando o entusiasmo pelos estudos.

CONCLUSÕES

De acordo com o que foi analisado é possível considerar que o aluno só pode ser “sem luz” quando não sabe a luz que possui, quando não é direcionado para essa descoberta. O processo de ensino aprendizagem exige que quem esteja nele se engaje e queira aprender, caso contrário ele não é eficiente. Nessa tarefa, que tem a sala de aula como principal campo, também se envolvem outros contextos, outros universos, que vão desde a estrutura da formação acadêmica dos docentes que irão se inserir em sala de aula, passando pela administração escolar e pela necessidade de se repensar até mesmo o próprio modelo educativo e a forma como a escola está proposta, chegando ao aluno e no despertar desse para o seu papel de agente ativo essencial em toda essa dinâmica.

Diante desse cenário, é válido pensar na possibilidade de que por mais que esse discurso aparente seja de certo modo utópico, é possível ser posto em prática, para isso é necessário que professores, gestores e alunos queiram assim fazê-lo e trabalhem para isso. Pois, utopia não é algo surreal é sim, uma perspectiva, um devir possível de ser realizado.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

DAHER, A. F. B., **Aluno e professor: protagonistas do processo de aprendizagem**. Disponível em: <http://alessandradaher.blogspot.com.br/2008/04/artigo.html>. Acesso em 15/02/2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. 3. Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, 2003.

PRIETO, A. C. S. **Quando realmente aprendemos e ensinamos: acredite no potencial do seu aluno e deseje que ele aprenda**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=612> Acesso em: 15/02/2013.

SILVA, Patrícia Konder Lins. **Inteligência se aprende**. Rio de Janeiro. Editora Casa da Palavra, 2011.